

O MODELO EDUCACIONAL *EGKÝKLIA* - EDUCAÇÃO FORMAL GREGA

Dielson Santos da Costa¹

RESUMO:

Areté, o ideal grego de formação social, que lançou as “bases” da democracia ateniense e consequentemente influenciou diversas sociedades ao longo do período helenístico e até mesmo do período romano, fora construído sob um modelo educacional conhecido como *Egkýklia*; que consistia em um estudo com disciplinas bem definidas e uma sequência cíclica, que o educando só faria parte do próximo período depois de completar o anterior. Destarte, o indivíduo só seria considerado um cidadão preparado para a vida social quando finalizasse todo o estudo da *Egkýklia*. Ora, muito mais além do que a inserção na democracia, o conhecimento que era produzido e ensinado, era importante para a própria acumulação de conhecimentos da própria humanidade. Nesse ínterim, podemos notar que antes mesmo das mulheres serem excluídas da cidadania grega, lhes era negada a instrução e quando ousavam superar esse obstáculo, eram desconsideradas ou seus estudos eram atribuídos aos homens. Similarmente os mais pobres e escravos eram relegados a uma imobilidade social. A proposta deste relatório de qualificação é apresentar parte do resultado de cinco anos de pesquisa a respeito da exclusão social nos estudos cíclicos e as barreiras sociais superadas por alguns indivíduos.

Palavras-chave: História da Educação; *Egkýklia*; Clássico; Helenístico; Grécia.

INTRODUÇÃO:

Este presente artigo visa abordar o processo educacional *Egkýklia* ou *Enkýklia*¹, iniciado no período clássico e que teve seu pleno desenvolvimento no período Helenístico analisando a participação de sujeitos “excluídos” parcial ou totalmente da sociedade como as mulheres, a população mais pobre e os escravos neste processo educacional.

Nosso referencial teórico são as obras de Spinelli (2016) e De Rijk (1965) mas, todos eles atendo-se a questões relacionadas ao formato do ciclo educacional, teremos suas obras como nossa referência teórica nesse sentido mas, também consideraremos as obras sobre a História da Educação, por Aranha (1996), Jaeger (1994), Luzuriaga (1959), Monroe (1978).

A *Egkýklia* era de uso habitual entre os gregos durante o período clássico, ainda que extremamente distinta do que seria posteriormente, denotando neste primeiro momento, por vezes apenas aquilo que é cíclico ou até mesmo uma ideia de cultura geral. Seu uso alterou-se ao longo de todo período Helenístico, é presente em textos do período do imperador romano Vespasiano e em filósofos posteriores. Seu significado específico variou de acordo com a época e a localidade. De acordo com Plutarco, *Egkýklia*, era utilizado na Grécia Arcaica para

¹ Universidade Federal da Bahia, Mestrando em Educação (UFBA), bolsista CAPES

denominar aquilo que é circular, a *Egkýklia* então, apresentava a ideia de uma educação cíclica, ou seja, com períodos bem definidos: destarte o educando completava um curso para ingressar em outro posteriormente, e, portanto, apresentava um conjunto de saberes gerais fundamentais (Plut. *Moralia*, 1, 10). Ora, a educação grega era fundamental no processo de formação deste ideal de cidadão e está condicionada diretamente com a transmissão de conhecimentos válidos para uma sociedade (JAEGER, 1994, p. 4).

METODOLOGIA:

Quanto ao processo de análise teórico-metodológico, partiremos da abordagem do materialismo histórico, que tem sido um dos pilares para a análise e organização do pensamento das dialéticas envolvendo história, ideologia, gênero e poder. O método normalmente é visto como algo à priori, ou seja, é uma lente que insiro para ver o mundo. Para o Materialismo Histórico Dialético, o método é referencial metodológico, é uma ampliação de um conjunto de conhecimentos que nos direcionam ao objeto da pesquisa. De acordo com o pensamento Marxista, as mudanças históricas não podem ser analisadas de forma isolada, mas parte de uma totalidade. Os conceitos históricos são determinados fundamentalmente pelas condições materiais, e é a partir das condições existentes que acabam por determinar todos os processos culturais, políticos e ideológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

No período clássico, a "escola" onde se aprende a ler, a escrever e contar, é bem integrada nos costumes: o infante frequenta aulas de três mestres: O *Pedótriba* (instrutor de ginástica), o *Citárista* (o de música) e o *Grammatiskós* (o que ensina as letras), sendo este último mais tarde chamado de "o mestre por excelência" ou *Didaschalos* (Sólon. Frag 12-14). Neste mesmo período, temos o advento dos Sofistas, autointitulados "educadores de homens", definição esta, que o próprio Protágoras, segundo Platão dá de sua "arte". (Plat. *Prot.*, 317b). Os Sofistas abandonaram um plano de educação apenas esportiva ou elementar para uma educação voltada para a Política (Plat. *Prot.*, 319a) e baseada na Dialética de Protágoras e na Retórica de Górgias.

A atuação sofisticada manteve-se em um ensino elitizado. Protagóras, por exemplo, cobrava uma soma de dez mil dracmas (Diog. Laerc. *Vid. Fil.*, IX, 52) e Isócrates cobrava um pouco menos que isso (Isoc. *C. Sof.*, 3) para ensinar. Em um aspecto geral, o aluno sofisticado,

deveria ser capaz de dialogar a respeito de qualquer coisa e, portanto, deveria apropriar-se de uma cultura geral, que neste momento era sinônimo da antiga expressão *Egklykia*, que anteriormente era utilizada para denominar tudo que é cíclico.

De acordo com Platão os estudos neste formato não eram largamente utilizados, sendo restritos àqueles que tivesse renda suficiente para contratar professores capacitados para ministrar estes ensinamentos (Plat. *Prot.*, 318c). Embora os Sofistas tenham desenvolvido novas características pedagógicas, a *Egklykia* ainda se manteve elitizada. Xenofonte critica em seu tratado *Da Caça* (Xen. *Eq.* 13) que esta técnica (sofística) era cara e mantinha os mesmos moldes da antiga educação e que em nada se diferenciava de uma preparação para a guerra. Muito embora, podemos perceber a claríssima ênfase realizada por Górgias, destacando que juntamente com a Filosofia, havia os estudos da Retórica e da Gramática; a Geometria vinculada a Aritmética, Astrologia e Música e a Medicina, a Alquimia, o que era completamente distinto dos métodos anteriores (Plat. *Grg.*, 450 d; 501 a), e que estas estavam reservadas apenas a linhagens filosóficas, por herança familiar.

A presença das mulheres no ciclo educacional *Egklykia*, ainda é algo, que está em afincado processo de pesquisa, pois, como afirma Cuchet, o registro das crianças (*frátrias*) era distinto entre homens e mulheres, por vezes, a menina não era registrada ou até mesmo assumia o nome do pai (CUCHET, 2015, p. 1, 11). Da mesma forma, apenas os meninos poderiam ser registrados no *lexiarchikon*, que é o último período do ciclo educacional (CUCHET, 2015, p. 12). Tais questões, tem dificultado a identificação da presença feminina na *Egklykia*, contudo as fontes antigas apresentam diversas mulheres nas escolas filosóficas, tanto no período clássico, sobretudo, na Academia Platônica como em períodos posteriores. Podemos citar o exemplo das filhas do filósofo Diodorus (Séc III a.C), Argia, Theognida, Artemisia e Pantaclea, apresentadas por Clemente de Alexandria nos livros “IV Miscelânea” e “Contra Joviniano” todas elas da escola dialética (Clem. *Al. Strom.* III, 10a). Outro exemplo é Hiparquia (séc III a.C) irmã de Maronitas Metrocles e esposa de Crates, ambos filósofos cínicos, de acordo com o livro III da Antologia epigrama de Antípadro de Sídon, intitulado “Para as mulheres”.

De acordo com Xenofonte, havia mulheres que participaram das escolas filosóficas sem terem participado da *Egklykia* (Xen. *Ec.*, IV, p. 260). O autor defendia ainda que esta deveria ser apenas destinada aos homens, e as mulheres, deveriam ser “educadas” por suas genitoras e maridos apenas sobre a administração do lar (Xen. *Ec.*, IV, p. 260.) Cícero em “Da natureza dos deuses” referindo-se a Grécia no século III a.C narra a história de Leôncio uma prostituta

ateniense, amiga de Epicuro que teria frequentado a *Egkýklia*. O autor comenta que Leôncio havia escrito contra Teofrasto e que considerava o maior absurdo, o fato de uma mulher ter falado contra este e contra alguns filósofos (Cic, *Nat D.*, I, 93).

Gilles Ménage em seu compêndio de 1624 já se preocupava em estudar diversas mulheres filósofas, o que a historiografia tradicional posterior acabou por silenciar e apenas mais recentemente, com os estudos feministas, estas mulheres voltaram a protagonizar a cena filosófica antiga. A obra *Atthis* escrito por Filocoro de Atenas (séc IV a.C) evidencia a presença de mulheres da elite, que receberam uma educação particular, principalmente por possuir parentesco com algum filósofo ou por pertencer a uma família abastada (Philoch, *Atth*, 35a). Certamente, muitos são os exemplos, de mulheres que romperam tais barreiras, mesmo que não tenhamos conhecimento destas, pois, como bem afirmara Umberto Eco: “não é que não tenham existido mulheres que filosofaram. É que os filósofos tem preferido esquecê-las, talvez depois de terem se apropriado de suas ideias” (ECO, 2008, p.3). Assim, embora a *Egkýklia* neste momento fosse destinada aos homens, pode-se notar a figura de algumas mulheres, que seja pela sua posição ou imposição social foram participantes neste processo de organização da *Egkýklia*

Na obra *Política* (I, 7, 1255 b25-40) o termo *Egkýklia*, parece ser utilizado para denominar uma instrução adequada, atenta aos detalhes, destinada ao serviço cotidiano, tanto dos escravos, como também para o aprendizado técnico de alguns cidadãos gregos. Em outra obra *Aristotélica*, denominada *Tratado do Céu*, a expressão é utilizada para mencionar uma reflexão filosófica relativa às chamadas “coisas divinas”, ou seja, relacionada à *Metafísica*, fazendo referência então ao ciclo de reflexões relacionadas ao universo, que só o intelecto é capaz de abordar (*Trat.*, I, IV, 279 b).

Ao longo do tempo o formato da *Egkýklia* foi alterando-se, normalmente, os gregos dividiam os estudos dos meninos em três períodos de sete anos cada. Até os sete anos, as crianças deveriam ficar em casa aprendendo com o pedagogo ou com os pais a ler e escrever e questões básicas de convivência preparando-se assim para os dois períodos seguintes. O segundo período da *Egkýklia* consistia em estudos de temas gerais e variados, com vista à preparação ao ofício ou a cidadania e ali o jovem permanecia até os quatorze anos (*Plat. Banq.*, 181 c.) o próprio Platão afirmara que aos quatorze anos iniciava-se a puberdade (*ephebeia*), quando ao jovem lhe vem despontando a barba e o juízo (*Plat. Banq.*, 181 c.). Enquanto isso, os mais pobres não tinham acesso a nenhum dos ciclos e por vezes eram relegados apenas ao estudo técnico (*technikós*). Em seguida o jovem era inserido no último período do ciclo,

comumente chamado de *lexiarchikón*, que tinha como objetivo introduzir o indivíduo na vida política da pólis. Tal organização etária é apresentada na obra de Platão (Plat. Prot., 312 b); em Aristóteles (Arist. Pol., VII, 1336a 23-24; VIII, 1338b 39-1339a8) e em referências posteriores que tratam do período clássico, como na obra de Plutarco (Plut. *Moralia.*, VII, 5 A).

Durante o período helenístico também, os jovens, desde crianças deveriam se aplicar ao *logismôn* (estudo de cálculo) e a *propaideias* (disciplinas preparatórias), tendo a Filosofia como a principal disciplina do ciclo da *Egkýklia*, sendo destinado para melhorar e qualificar o cidadão (Arist. Repub., VII, 536 c – 537 a.). Juntamente com a Filosofia, vinha os estudos da Retórica e da Gramática; a Geometria vinculada a Aritmética, Astrologia e Música e a Medicina a Alquimia, estas estavam reservadas apenas a linhagens filosóficas, por herança familiar.

Tal evolução da *Egkýklia* é abordada em algumas obras Aristotélicas. Em *Política*, este modelo educacional aparece já aplicada ao ofício do criado doméstico “*Egkýklia Diakonémata*” (Arist. Pol., I, 7, 1255 b 25). Para Spinelli, a *Egkýklia* neste momento passa se referir a todo modelo de educação com disciplinas definidas, e neste caso, o escravo também deveria se apropriar daquelas que lhe seriam úteis em seu serviço cotidiano. O autor completa ainda que a *Egkýklia Diakonémata*, inicialmente destinada aos escravos posteriormente teve a inclusão de outras disciplinas e foi destinada para outros grupos sociais (SPINELLI, 2016, p. 10). Assim, no período de Aristóteles, a expressão *Egkýklia* também era o conjunto de aprendizados de conhecimentos relacionados ao trabalho serviçal, que consistia em um conjunto de habilidades manuais e específicas, com o objetivo de qualifica-lo para uma determinada habilitação. Para tanto, existiam oficinas com os mais variados tipos de ensinamentos técnicos (Arist. Pol., I, 7, 1255). Assim, neste momento a *Egkýklia* estava ligada principalmente as tarefas do cotidiano, como por exemplo, a culinária ou a organização doméstica, mas, também era ao mesmo tempo um conjunto de estudos gerais. Era exigência inclusive dos gregos, que os serviçais se apropriassem do ciclo da *Egkýklia* (Arist. Pol., III, 5, 1277 b 1), a fim de uma formação mais completa.

Já para os escravos pedagogos cabia o aprendizado voltado à instrução filosófica, sendo extremamente comum estarem presente durante a instrução aos paidós, sendo exigido ainda destes a eloquência, para bem instruir (Plat. Men., 82). Entre os cidadãos mais pobres o ciclo de estudos *Egkýklia* consistia em um conjunto de estudos técnicos (*technikós*), ao cotidiano dos trabalhos, como afirmara Xenofonte, onde apresenta que eram os filhos dos obreiros dos ofícios manuais quem normalmente herdava o trabalho de seu pai, o conjunto de aprendizados

repassados para o infante neste sentido também era chamado de Egkýklia (Xen. Ec., IV, 3 p.227).

Enquanto isso, independentemente da posição social, não havia para as meninas um modelo de educação desenvolvido, muito embora, há casos de mulheres que eram instruídas tornando-se poetisas, escribas ou filósofas, muito mais por terem sido incentivadas por seus pais e por pertencerem a elite. Segundo Jaeger (1994), a *arete* própria da mulher grega era a formosura, e o culto da beleza feminina correspondia a um tipo de formação cortesã. A mulher não surge apenas como um objeto sexual, mas, também e sobretudo, como “dona de casa”, suas virtudes devem estar ligadas a modéstia e o pleno governo do lar, desde a administração dos escravos domésticos até o controle da dispensa. A inferioridade feminina na *pólis* fica evidente inclusive no texto de Aristóteles, Política, I, 1260 a-b:

Isto nos leva imediatamente de volta à natureza da alma: nesta, há por natureza uma parte que comanda e uma parte que é comandada, às quais atribuímos qualidades diferentes, ou seja, a qualidade do racional e a do irracional. (...) o mesmo princípio se aplica aos outros casos de comandante e comandado. Logo, há por natureza várias classes de comandantes e comandados, pois de maneiras diferentes o homem livre comanda o escravo, o macho comanda a fêmea e o homem comanda a criança. Todos possuem as diferentes partes da alma, mas possuem-nas diferentemente, pois o escravo não possui de forma alguma a faculdade de deliberar, enquanto a mulher a possui, mas sem autoridade plena, e a criança a tem, posto que ainda em formação. (...) Devemos então dizer que todas aquelas pessoas tem suas qualidades próprias, como o poeta (Sófocles, *Ajax*, vv.405-408) disse das mulheres: ‘O silêncio dá graça as mulheres’, embora isto em nada se aplique ao homem (Aristóteles, *Política*, I, 1260 a-b, pp. 32 e 33).

Na poesia grega a mulher é apresentada frequentemente como mãe, esposa ou amante, sensualizada, promotora de paixões avassaladoras. Para Jaeger (1994), a transformação da sensibilidade masculina extremamente comum no período helenístico, foi considerada uma efeminação e que a entrega total dos sentidos cabia as mulheres, e quanto ao homem restaria a Filosofia, a Educação e a Política; completa, destacando que isto fica ainda mais evidente, quando enfatiza que o matrimônio por amor não cabia a mulher por ser difícil surgir nesta o amor, e foi apenas na forma do *eros* platônico que o amor masculino, conseguiu em relação à mulher a sua expressão poética.

Como fica evidente, não cabia a mulher a educação, muito embora, algumas mulheres ao longo do tempo destacaram-se por fazer parte de escolas filosóficas ou possuírem uma educação refinada, por fazer parte de uma linhagem familiar que financiava seus estudos. Notemos o que retrata Xenofonte em um de seus diálogos, O Econômico:

Mas é isso, Iscômaco, disse, que eu gostaria de saber. Tu mesmo educaste tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a recebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem? E o que saberia ela, disse, quando a tomei como esposa? Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo. Não pensas que era bastante chegar sabendo apenas pegar os fios de lã e tecer uma túnica e já ter visto como os trabalhos de tear são distribuídos às servas? Quanto ao controle da alimentação, disse, veio muito bem ensinada, o que, tanto para o homem quanto para a mulher, penso eu, é uma questão do maior interesse. Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, tu mesmo educaste tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem? Não, Por Zeus! Disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando a ela, aprendendo, conseguíssemos o melhor para nós ambos. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora. (XENOFONTE; PRADO, 1999, p. 34-35, 39)

Ora, então considerando que *Egkyklia paidéia* tinha como objetivo o desenvolvimento de um ciclo de estudos para o cidadão grego do sexo masculino, e que este visava a capacitação tanto para a formação básica e técnica, e que já em meados do período helenístico também para capacitar o cidadão nos estudos filosóficos e para a vida na pólis, as mulheres então, não tinham uma educação estruturada garantida pela *pólis*, ficando a cargo muitas vezes de aprendizados transmitidos por outras mulheres mais velhas, muitas vezes da própria família, que dedicavam-se a ensinar a cuidar dos afazeres domésticos, a administrar os escravos ou a tear. Isso não significa, no entanto, que não haviam mulheres instruídas na Filosofia ou na Política. Podemos destacar também, Themista de Lámpsaco (Séc III a.C), que era esposa de Leonteo de Lámpsaco, que é citada no livro IV Les Stromates, como alguém extremamente sábia e usada como método de comparação, “mesmo que você seja mais sábio que Themista” (Clem. Al. Strom., p. 334). No livro III, capítulo XXV, das Instituições por Lactantius, menciona-se que ela é a única mulher filósofa.

Iscômaco dialogando com Sócrates afirmara, que as mulheres não tinham uma educação formal, mas, que estas deveriam aprender questões do cotidiano através de uma instrução

familiar através da genitora ou do marido (Xen. Ec., IV, 2 p.230). Já na Escola de Alexandria todas as disciplinas se tornaram obrigatórias, e foram divididas em dois blocos e se constituíram na *Egkýklia Paidéia* e se transformaram em uma posse de saber amplo. Todos os meninos nascidos de pais cidadãos tinham a obrigação de se envolver com a *Egkýklia*, que tinha um “esquema” organizado de disciplinas obrigatórias e de modo optativo aquelas que se referem aos ofícios.

No Egito Helenístico, por exemplo, de acordo com um papiro apresentado por Hondius, o ginásio parece ter sido sustentado financeiramente e administrado por uma associação que buscava manter um padrão educacional da *Egkýklia* (HONDIUS, 2010 p. 528), que priorizava a escrita inclusive entre as classes menos abastadas (HARD, 1913, IIa). De acordo com Dittenberger, parecia existir um ensino destinado para as mulheres, mas, para este autor, a forma como o ensino para as mulheres é mencionado é apenas superficial não permitindo um estudo conclusivo (DITTENBERGER, 1883, p. 578).

O ofício do mestre era bastante humilde durante o período Helenístico (Diog. Laerc. *Vid. Fil.*, X, 4), era mal pago (FORBES, 1942, p. 3), as cartas epigráficas de Mileto e de Teos, fixam o salário dos mestres de primeiras letras (destinado aos alunos com sete anos de idade) em quarenta dracmas mensais e quinhentas dracmas por ano (DITTENBERGER, 1883, p. 577). Já para o período romano, a *Egkýklia*, correspondia durante o governo de Vespasiano (69-79 d.C), a uma escolaridade pública e obrigatória organizada nos mesmos moldes do período Helenístico, destaca-se o fato, que os professores recebiam melhores salários que nos períodos anteriores. Era destinada a todos os cidadãos, independentemente de sua renda, e seu formato influenciou imperadores posteriores, segundo Apuléo (Apul. *Flor*, 20, 3). Quintiliano (35-96 d.C), foi o primeiro professor remunerado do governo de Vespasiano, e teve como alunos Plínio o Mòço e o próprio Imperador Adriano (Quint. *Inst.*, I, 1, 15-18).

CONCLUSÃO:

Isto posto, é indubitavelmente necessário identificar os meandros que envolvem a *Egkýklia* a fim de compreender suas transformações e importância como método de ensino, no contexto geral da sociedade grega e dos povos helenizados. Tendo em vista, que este foi largamente utilizado como instrumento catalisador do processo de incorporação cultural, o que por si só demonstra a importância de tais análises no cenário da historiografia antiga e suas implicações posteriores. A incandescente associação entre a cultura helenística com os povos posteriores

sejam estes durante o período macedônico ou romano e as práticas de ensino utilizadas durante tais períodos foram instigantes ao presente processo de pesquisa, que levou necessariamente a um aprofundamento na compreensão do uso do termo *Egklykia* e todas as suas nuances, que por sua vez, promoveram a inevitabilidade da averiguação de tal vocábulo e sua utilização, durante o apogeu da cultura grega, que se deu, durante o período helenístico, e da exiguidade de um modelo educacional destinado as mulheres gregas, tornando assim, a análise situada neste hiato, importantíssimo para compreender como a cultura greco-romana nos períodos seguintes perpetua uma noção patriarcal de sociedade e condiciona sujeitos historicamente excluídos a permanecerem em sua situação marginalizada, tendo em vista, que todo o “sistema” que é perpetuado pela educação grega e sua posterior aplicação, com grandes alterações temporais, culturais e sociais, mantenha a condição destes indivíduos.

Para recolher os vestígios da presença das mulheres na história e principalmente no período helenístico, onde há um florescer cultural imenso, é necessária uma enorme quantidade de fontes, para citar pouquíssimos casos de mulheres. Para completar, os relatos existentes são escritos por homens, e que muitas vezes apresentam apenas uma visão masculina das ideias e dos fatos, relegando diversas mulheres ao esquecimento.

Se compreendermos que a educação é uma forma de perpetuar um *status quo*, utilizada para “formar” indivíduos e conseqüentemente, é promotora de ideias e valores por vezes dominante, o não oferecimento de uma educação para as mulheres e modelos “específicos e excludentes” voltado para os escravos e indivíduos mais pobres, também “fala” muito sobre isso, pois, a inexistência ou pouquidade destes nos círculos de discussão filosófica, nas formações dos ofícios ou nos ensinos considerados básicos, nos apresentam uma sociedade em que os escravos e os mais pobres mantinham-se com pouca mobilidade social e a mulher fica destinada para o lar e para tudo que tem relação com ele, como destaca Aristóteles em trecho já citado “o macho comanda a fêmea” ou “o silêncio dá graça as mulheres” (Política, I, 1260 a-b), assim pondo-a em posição inferiorizada e com pouquíssimas oportunidades de se estabelecer socialmente diferentemente do que já estaria posto.

FONTES:

ANTÍPATRO DE SÍDON. **Epigrama 413, Anthologia palatina**. Séc II a.C. Paris, 1987.

APULEIO. **Flórida**. Tradução de Marco Aurélio. Universidade de Lisboa, 2016.

ARISTOFÁNES. **As nuvens**. Tradução de Gilda Maria Reale Starzynski, Universidade Federal de São Paulo, 2018.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco. The Complete Works of Aristotle**. The Revised Oxford Translation. Edited by J. Barnes. Princeton University Press Editora, 1984.

_____, **Política**. Edição bilingue, tradução de António Amaral e Carlos de Carvalho Gomes, Vega, Lisboa, 1998.

_____, **Traité du Ciel, suivi du traité pseudo-aristotélicien Du Monde**. Ed. J. Tricot, Vrin, Paris, 1986.

CÍCERO. **De Oratore**. Editado por Kazimierz F. Kumaniecki. Bibliotheca Teubneriana. Leipzig, Germany: Teubner, 1969.

Clemente de Alexandria. **Miscelânea e Contra Joviniano - compilado**. Traduzido do texto francês com título Les Stromates. I-V. Tradução para o português por Chapanski, Edição du Cerf, Paris, 1981, <http://remacle.org/bloodwolf/eglise/clementalexandrie/table.html>.

DIÓGENES LAÉRCIO. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury, Editora UnB, Brasília, 1988.

DIONÍSIO. **Grammatiké**. Tradução de Chapanski. 2003. 217f. Dissertação de Estudos Linguísticos) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FILOCORUS. **Atthis**. Tradução de Virgílio Costa. 2007. Università Degli Studi di Roma tor Vergata, Roma, 2007.

FÍLON DE ALEXANDRIA. **De congressu eruditionis gratia**. Introduction, traduction et notes par Monique Alexandre, Éditions du Cerf, Paris, 1967.

ISOCRÁTES. **Contra os Sofistas**. Tradução de Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda, Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, Juiz de Fora, 2018 V.6 N.2 – pp. 68-79.

JUSTINO. **Les Apologies**. Traduites, avec texte grec, par A. Wartelle, Éditions du Cerf Paris, 1987.

MARCO TÚLIO CICERÓN. **De natura deorum**. Lisboa, 1970.

PINDARO. **Olympiques**. texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

PLATÃO, **Diálogos**: Apologia de Sócrates, Critão, Laquete, Cármides, Lísida, Eutífrone, Protágoras, Górgias. Tradução de Carlos Alberto Nunes, São Paulo: Melhoramentos, 1970.

_____, **Górgias**, Tradução: Carlos Alberto Nunes, Grupo Acropolis, São Paulo, 2016.

_____, **Hípias Maior**; Tradução de Lucas Angioni, Universidade Estadual de Campinas, Archai, n. 26, Brasília, 2019.

_____, **Hípias Menor**; Tradução de Vanessa Araújo Gomes, Universidade do Estado de São Paulo, Codex, v.2, n.1, 2010, p.137-144.

_____, **Mênon**; texto estabelecido e anotado por John Burner; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro, Edição PUC-RIO; Editora Loyola, 2001.

_____, **O Banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Difel, 2008

PLÍNIO. **HISTÓRIA NATURAL**. Tradução de Eça Almeida. Editora UFL, Lisboa, 1975.

PLUTARCO. **De Alexandri virtute**, apud SVF (Stoicorum Veterum Fragmenta), Disponível em: <http://archive.org/stream/stoicorumveterum>. Na tradução espanhola de Mendes López Salvá.

QUINTILIANO, Marco Fabio. **Instituzione oratoria**. Traduzione do Orazio Frilli, Zanichelli, Bologna, 1973, <http://www.thelatinlibrary.com/quintilian>.

SCHWARTZ. **Papiri greci e latini**, 19; Papiro Schwartz. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 2016.

SÓLON. **Fragmentos**. Fragmentos 12 à 14. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 2017.

STERNBACH, Leo: **Gnomologium Vaticanum e codice vaticano graeco 743**. (Texte und Kommentare, 2.) Pp. xii + 204. Berlin: de Gruyter, 1963. Cloth, DM. 18.

XENOFONTE; Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. **Econômico**. 1ª São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____, **Equestre**, Sobre a caça. Tradução Edouard Delebecque. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

BIBLIOGRAFIA:

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996. (2ª edição, revisada e ampliada).

_____, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia, Geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006. (3ª ed. rev. ampl.)

BARROS, José D'Assunção. **A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009.

BIAZOTTO, Thiago do Amaral. **A construção do(s) helenismo(s): greco-macedônios e autóctones nas obras de Droysen e Momigliano**. In: MARTINS, Estevão C. de Resende (org.) et al. **Desafios e caminhos da teoria e da história da historiografia**: SBTHH, Mariana, 2013.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionaire étymologique de la langue grecque: histoire de mots.** Paris: Klincksieck, t. 1, 1968; t. 2, 1970.

DIELS, Herman & KRANZ, Walther. **Die Fragmente der Vorsokratiker.** 18^a ed., <Unveränderter Nachdruck der 6. Auflage 1951>, Weidmann, Zürich-Hildesheim, 1989.

DE RIJK, Lambertus Marie. **Enkyklios paideia: A Study of its Original Meaning.** In Vivarium, n^o. 3, A Journal for Medieval and Early-Modern Philosophy and Intellectual Life, Brill, 1965.

GATELL, Rosa Rius. **Introdución – Las Filósofas de Gilles Ménage.** In: MÉNAGE, Gilles. Historia da las Mujeres Filósofas. Barcelona: Herder Editorial, 2009, p. 11-41.

GILES, Thomas Ransom. **A tradição de Roma: a formação do cidadão,** in História da Educação, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, pp. 31-43, 1987.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego /** Werner Wilhelm Jaeger; [Tradução Artur Parreira; adaptação para a edição brasileira Monica Stabel; revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso de Souza], 3^a Edição, São Paulo; Martins Fontes, 1994

MARROU, Henri Irénée. **História da educação na Antiguidade.** São Paulo: Ed. Herder; Edusp, 1966.

MÉNAGE, Gilles. **História de las mujeres filósofas.** Traducción de Mercè Otero Vidal. Ed. Herder; Barcelona, 2009.

MONROE, Paul. **História da educação.** São Paulo: CEN, 1^a Edição, 1978.

ORTIZ Y SANZ, José. **Vida de Diógenes Laercio.** In DIÓGENES LAERCIO. Vidas, Opiniones y Sentencias de los Filósofos más Ilustres. Traducidas por José Ortiz y Sanz, Luis Navarro, Madrid, 1887, <http://www.cervantesvirtual.com>.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-Socráticos. Primeiros mestres da filosofia e da ciência grega.** Edipucrs (Editora da PUC), Porto Alegre, 3^a ed., 2012.

_____, **O conceito grego da egklyklios paideia e sua difusão no período helenístico.** HYBRIS. Revista de Filosofia, Vol. 7 N^o 1. Universidade Federal de Santa Maria, Maio de 2016, p. 31-58.

_____, **O ciclo de estudos básicos (Egklyklios Paideia) da escolaridade grega,** Educação e Filosofia, v. 30, n. 60, p. 603-646, jul./dez. 2016.

_____. **Helenização e recriação de sentidos. A filosofia na época da expansão do Cristianismo, séculos II, III e IV.** 2^a ed. revisada e ampliada. Editora da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.

PETIT, Paul. **A civilização helenística.** Traduzido por Gilson Cesar Cardoso de Souza e revisado por Alexandre Soares Carneiro. Presses Universitarie, 1962. 1^a Edição Brasileira, 1987.